



SIMPROFI

Simposio dos Programas
de Mestrado Profissional
26 e 27 de outubro de 2022

**EDUCAÇÃO, TRABALHO
E PRODUÇÃO SUSTENTÁVEL**



Experiência, emancipação e práxis pedagógica: desafios para a formação e a atuação docente

Mauricio Trindade

Sueli Soares dos Santos Batista

Resumo - A conjunção entre experiência, emancipação e práxis pedagógica indica um desafio para a formação do profissional docente. Essa conjunção tem como pressuposto a necessária união entre a experiência humana individual e coletiva com a práxis pedagógica levando em consideração a corporeidade na formação de um sujeito crítico e emancipado. Com base no referencial teórico de Rancière, Larossa e Dewey, apresentamos uma proposta de uma aula que aqui designamos de “aula^{ção}”. O objetivo da “aula^{ção}” é proporcionar aos docentes envolvidos uma vivência em que o corpo é solicitado a experimentar novas possibilidades formativas a fim de mobilizar física e mentalmente questões a serem exploradas em contextos escolares. A “aula^{ção}” proposta traz a ideia de que é necessário vivenciar no corpo os tentames educacionais que se deseja transmitir aos participantes.

Palavras-chave: Fundamentos da educação. Educação e emancipação. Experiência e práxis pedagógicas.

Abstract - The conjunction between experience, emancipation and pedagogical praxis shows a challenge for the training of teaching professionals. This conjunction presupposes the necessary union between individual and collective human experience with pedagogical praxis, considering corporeality in the formation of a critical and emancipated subject. Based on the theoretical framework of Rancière, Larossa and Dewey, we present a proposal for a class that we hear call “classroom”. The goal of the “lesson” is to provide the teachers involved with an experience in which the body is asked to experience new training possibilities to physically and mentally mobilize issues to be explored in school contexts. The proposed class brings the idea that it is necessary to experience in the body the educational attempts that one wishes to send to the participants.

Keywords: Fundamentals of education. Education and emancipation. Pedagogical experience and praxis.

1 Introdução

Para emancipar um ignorante, é preciso e suficiente que sejamos, nós mesmos emancipados

(Jacques Rancière, O mestre ignorante)

A partir da tríade experiência, emancipação e práxis pedagógicas, este artigo apresenta a conjunção desses conceitos nas perspectivas de John Dewey, Jorge Larrosa e Jacques Rancière. Essa conjunção tem como pressuposto a necessária união entre a experiência humana individual e coletiva com a práxis pedagógica levando em consideração a corporeidade na formação de um sujeito crítico e emancipado. No entanto, como é possível alcançarmos este nível de experiência e emancipação em nossa práxis pedagógica num contexto de desafios e incertezas da formação profissional docente? Parte-se da centralidade dos argumentos dos autores que fundamentam esse estudo no sentido de reconhecer a necessidade de compreender e ser compreendido para que possamos dar sentido às materialidades das palavras que surgem na experiência educativa.

O presente estudo tem como objetivo mostrar a conjunção entre experiência e emancipação em favor de uma nova práxis pedagógica que possa de fato contemplar todos os envolvidos no processo de ensino aprendizagem. Enquanto objetivo específico, pretende-se levantar aspectos teórico-metodológicos que indiquem a importância de uma prática instrutiva que contribua com o desenvolvimento da profissão docente, sendo essa uma dimensão central no processo de emancipação e desenvolvimento não só do estudante, mas do próprio professor.

Partindo de pesquisa bibliográfica e experiência docente no desenvolvimento de uma proposta educativa, o presente artigo se organiza em duas seções. Uma inicial dedicada ao referencial teórico sustentado nas leituras de textos de Dewey, Larrosa e Rancière, autores fundamentais para se pensar as relações entre educação e experiência.

Na seção em que se aborda especificamente o aspecto empírico do estudo, é apresentada a noção de uma “*aulação*”, um plano de aula desenvolvido com o propósito de demonstrar o que seja essa noção numa proposta educativa que articule experiência, emancipação e práxis pedagógica.

2. Referencial teórico: o entrelaçamento entre experiência e emancipação na tarefa educativa

Para John Dewey (1859-1952), filósofo e pedagogo norte americano, na experiência existe uma integração entre corpo e mente. Ou seja: o pensamento não está isolado da ação e a educação deve servir para resolver as situações da vida. Assim, a ação educativa tem como objetivo aperfeiçoar as relações sociais do sujeito.

Segundo Dewey (2010) o processo de experiência estética que o sujeito sofre se constitui nas impulsões primordiais que derivam da necessidade de saciar a sede das demandas pertencentes ao organismo. Essa dinâmica se dá na instauração das relações claras e ativas das interatividades com o meio, mas nem sempre ela se caracteriza como uma experiência singular, experiência no sentido vital. Na experiência singular, a qual nos referimos como experiência real, o material vivido faz o seu percurso até a consumação. O resultado é o desfecho de um processo em que cada parte flui livremente, e toda a experiência tem uma unidade, carrega em si seu caráter individualizado e sua autossuficiência. Para esse autor:

A experiência ocorre continuamente, porque a interação do ser vivo com as condições ambientais está envolvida no próprio processo de viver. Nas situações de resistência e conflito, os aspectos do eu e do mundo implicados nesta interação modificam a experiência com emoções e ideias, de modo que emerge a intenção consciente. Muitas vezes, porém, a experiência vivida é incipiente. (DEWEY, 2010, p.109)

Jorge Larrosa Bondía (1985-), professor da Universidade de Barcelona e doutor em Filosofia da Educação em seu livro *Tremores Escritos sobre experiência* retrata um sujeito submerso em uma velocidade obsessiva de informação retirando este mesmo sujeito do lugar da experiência cada vez mais rara.

Larrosa (2016) destaca que o sujeito no mundo contemporâneo é incapaz de ter experiência devido ao alto grau de informação e estímulos. Para Larrosa, a experiência é cada vez mais rara por falta de tempo.

O acontecimento nos é dado na forma de choque, do estímulo, da sensação pura, na forma de vivência instantânea, pontual e fragmentada. A velocidade com que nos são dados os acontecimentos e a obsessão pela novidade, pelo novo, que caracteriza o mundo moderno, impedem a conexão significativa entre acontecimentos. Impedem também a memória, já que cada acontecimento é imediatamente substituído por outro que igualmente nos excita por um momento, mas sem deixar qualquer vestígio. (LARROSA, 2016, p. 22)

Frente a esse diagnóstico, muito próximo das reflexões de Walter Benjamin (1892-1940) o autor defende o par “experiência/sentido” no qual mostra o potencial formador e transformador da experiência enquanto aquilo que “[..] nos passa, nos acontece, nos toca” (LARROSA 2016, p. 25). O autor explicita que a palavra “experiência” serve para definir e situar nossas vidas, o que somos e o que não somos, o que queremos e o que não queremos. Para Larrosa, o sujeito autônomo tem aptidão ou competência para gerir sua própria vida, valendo-se de seus próprios meios, vontades e/ou princípios.

Aqui há um certo encontro entre Larrosa e Dewey quando se afirmar que é importante “pensar a educação a partir do par experiência/sentido”. Para Larrosa a simples informação não é experiência, é quase o contrário da experiência, sendo uma ante experiência. A informação não faria outra coisa que cancelar nossas possibilidades de experiência.

Partindo do texto de Larrosa, a experiência não é só o que acontece, mas sim o que nos acontece. Podemos entender que a experiência é um

acontecimento singular dentro de uma definição de singularidade que não está no indivíduo ou mesmo no particular, mas está na paixão isso quer dizer sem ciência, sem razão, mas paixão, paixão essa que transborda de uma extraordinária, única e não repetível experiência. Por isso a experiência, é atenção, escuta, abertura, disponibilidade, sensibilidade, exposição (LARROSA, 2016).

Essa ênfase na experiência que se destaca nas obras de Dewey e Larrosa não deve ser dissociada de uma perspectiva política da educação que, nos limites deste estudo, evoca a necessidade de um processo formativo com vistas à emancipação. Jacques Rancière (1940-) filósofo francês, professor da European Graduate School de Saas-Fee e professor emérito da Universidade Paris, em seu livro *O mestre ignorante Cinco lições sobre a emancipação intelectual* trata da importância da igualdade como ponto de partida da experiência educacional. Para Rancière a autonomia é uma questão de participação ativa do sujeito nas construções e interações decisórias do meio artístico e político, considerando-se sempre o pressuposto da igualdade. A experiência educacional só se torna efetiva quando se desenvolve com o pressuposto da emancipação. Caso contrário, é apenas embrutecimento.

Rancière (2013) dedica seus estudos ao par estética/política no qual coloca o sujeito nas relações da produção da arte e da política em um exercício de poder através das suas manifestações. Valoriza a emancipação do sujeito pela igualdade de inteligência desierarquizando as relações professores-alunos e suscitando um sujeito apto a pensar, criticar e ver de forma particular e independente suas relações com o meio onde vive.

O autor, com o par estética/política discute a relação entre ambas salientando a relevância da participação efetiva do povo tanto na produção artística quanto na constituição política, em um exercício de prática de poder pelo povo. Tem como centro de seu conceito a emancipação dos sujeitos pela igualdade de inteligência, não anulando a diversidade ao proporcionar um pensar crítico, autoral e independente.

Educar para emancipar ou para embrutecer? Essa questão ainda está presente para nós. Educamos para emancipação? Responder a essa pergunta significa perguntar e procurar dar respostas para uma pergunta inicial e fundante: Educamos para a equidade? E se educamos com o pressuposto da equidade, partimos da igualdade ou da desigualdade?

O mestre explicador e todas as teorias e práticas pedagógicas que buscam a igualdade mas partem da desigualdade intelectual dos alunos em relação ao mestre, à escola e à cultura em geral não são capazes de emancipar, apenas de embrutecer, afirma Rancière (2013).

A experiência educativa que, para Rancière analisando a história do educador francês Joseph Jacotot, precisa ser emancipatória é uma aventura intelectual que se dá entre inteligências e não entre conhecimento, mestre sábio e aluno ignorante. Essa perspectiva é a do embrutecimento que parte da desigualdade, hierarquizando os sujeitos e os conhecimentos no processo educativo de tal forma que trabalha contra o que mais deseja alcançar: a equidade. Para educar objetivando a equidade é necessário partir da

desigualdade. A vontade que impulsiona a aventura intelectual não é meramente a vontade do professor sobre a vontade do aluno, estimulando-o para o conhecimento. É a experiência do encontro de duas inteligências. A narrativa unilateral do mestre explicador estaria, assim, mais próxima do embrutecimento que da emancipação.

Aposta-se, portanto, que todos somos capazes de procurar e encontrar a emancipação como seres racionais e livres. Não precisamos de mestres explicadores que venham nos contar as novidades do mundo, do conhecimento e da vida se formos considerados nessa condição primordial de seres racionais e livres.

Todas as pessoas envolvidas com educação podem, na perspectiva da emancipação, ser atravessadas por experiências transformadoras, pois a partir do instante em que todos sofrerem a singularidade da experiência, todos poderão ter uma nova postura e conseqüentemente uma práxis pedagógica significativa. A experiência passa necessariamente pelos sentidos (Dewey), pela relação com o tempo (Larrosa) e precisa, para ser emancipatória, romper com relações hierárquicas entre o sujeito e o objeto (Rancière).

A partir desses autores, argumentamos no sentido de propor a articulação entre experiência e emancipação como capaz de produzir a superação do mestre explicador. Trata-se de uma práxis pedagógica emancipatória em que aprender vai muito além que receber e dar uma boa explicação.

3 Método

Com base no referencial teórico de Dewey, Larrosa e Rancière, apresentamos uma proposta de uma aula que aqui designamos de “*aulação*”. O objetivo da “*aulação*” é proporcionar aos envolvidos (neste caso, os docentes) uma experiência vivencial, em que o corpo será solicitado a experimentar novas possibilidades e formas, a fim de mobilizar física e mentalmente questões a serem exploradas com os estudantes.

Neste sentido, a “*aulação*” proposta traz a ideia de que seria necessário vivenciar no corpo as experiências educacionais que se deseja transmitir aos participantes, ao invés de trabalhá-las apenas intelectualmente.

A proposta da “*aulação*” nasce das reflexões desenvolvidas neste artigo mas também se refere à experiência de um dos autores desse estudo, docente do ensino técnico para o eixo de Produção Cultural e Design na escola Técnica Estadual de Artes da cidade de São Paulo. Articulando-se o referencial teórico metodológico a essa experiência docente, a *aulação* foi elaborada sobre um tripé de questões: **por quê? para que? e para quem?**

Por quê? Nosso cotidiano contemporâneo nos joga num vórtice de informação acelerado destinado a nos tornar sujeitos passivos. Emaranhados enquanto informados e informantes, para que haja uma construção e produção de conhecimento é necessário formar espaços potencializadores por inúmeras experiências formativa e emancipatória. A proposta da *aulação* segue esse propósito.

Para que? A “aulação” tem por busca incorporar e internalizar os conceitos vividos na experiência para assim fazer o participante construir outras relações significativas em sua formação. Desta forma, pensa-se que seja possível ressignificar a aprendizagem do sujeito através das vivências individuais e coletivas nos mecanismos da proposta da “aulação”.

Para quem? Para todos os docentes enquanto sujeitos desse processo. O que aqui propomos não se define como capacitação. Refere-se mais a uma proposta a ser vivenciada e replicada em contextos específicos, de experiências educacionais específicas, mas que tem a potencialidade de colocar em pauta as relações entre a experiência educativa e a práxis pedagógica.

O Plano da *Aulação* assim pode ser apresentado (quadro 1)

Quadro 1 – Plano da “Aulação”

Objetivos	Desenvolver o conhecimento criativo gestual do participante, fazendo-o perceber que seu corpo e gestos também fazem parte do diálogo que se estabelece com o desenho que está sendo produzido, estando diretamente interligada com sua intuição e intelecto Proporcionar aos docentes uma experiência vivencial na qual o corpo é solicitado a experimentar novas possibilidades e formas, a fim de mobilizar física e mentalmente questões a serem exploradas de cada um em aula.
Introdução	Questionar os docentes sobre experiência e emancipação e em que essas dimensões interferem na prática educativa
Conteúdos/materiais	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Apresentação da proposta de desenhar depois da audição da poesia "e começo aqui" de Haroldo de Campos do Livro Galáxia. ✓ Introdução: Localizar o participante neste tema dando exemplos diretos. ✓ Desenvolvimento do Tema: Apresentar o objetivo da proposta da aula para direcionar o participante para atividade. ✓ Metodologia: Fazer o participante experienciar na prática como fazer um desenho de grandes dimensões depois de estímulos prévio. ✓ Descrição da Estratégia: Explicar como interferir no papel no chão
Espaço e atividades	Num espaço livre, estendido no chão é colocada uma grande folha de papel aludindo ao Mapa cartográfico, lápis diversos para desenhar, neste território os participantes interferirão criativamente logo após a audição do poema "e começo aqui" de Haroldo de Campos do livro Galáxia.

	O participante é requisitado a potencializar seu gestual criativo e corporal, fazendo-o perceber que seu corpo e gestos também fazem parte do diálogo que se estabelece com o desenho, estando diretamente interligada com ação e seu intelecto.
Desenvolvimento e expectativas	O tema é desenvolvido para estrategicamente fazer o participante manifestar sua audição do poema em gestos gráficos que ficarão registados na grande folha de papel.
Avaliação	A narrativa pessoal de cada participante é revivida e valorizada, tendo como ponto de partida o poema gravado por Haroldo de Campos “e começo aqui”, trazido pelo professor propositor. Estimula-se que tais narrativas sejam expressas corporalmente, através de uma <i>performance</i> . Os participantes têm oportunidade de voltar à questão inicial sobre experiência e emancipação e expressar o que a atividade proposta contribuiu para pensar sobre essa questão, tendo como critério de avaliação a concentração, criatividade e disposição do participante.

4 Resultados e Discussão

Os autores apresentados nesse estudo problematizam as relações entre educação, experiência e emancipação considerando a importância da narrativa, da experiência da linguagem. Sendo a experiência uma maneira de construir as relações entre sujeito e objeto e as relações do sujeito consigo mesmo, todos os três autores estudados destacam o sujeito da frase, cada qual a seu modo como em uma análise sintática. Mas não se trata de um sujeito senhor de todo o processo. É necessário que o sujeito seja atravessado pela experiência: um encontro entre sujeito e objeto que potencialize a emancipação.

Pretende-se que as narrativas, no momento de finalização da “aulação”, permitam a todos os envolvidos a reflexão sobre a proposta e a sua relevância para outros contextos formativos.

Nos limites desse estudo, entende-se que este professor é aquele agente que não tem receio de experimentar outras possibilidades técnicas pedagógicas para uma melhor elaboração de suas aulas e proporcionar uma formação mais significativa para o estudante. Dessa forma, entende-se que tanto o docente como o aprendente ao terem a chance de transformar suas imagens e experiências em conhecimento, colocam-se como o ativo crítico da experiência e do próprio conhecimento.

5 Considerações finais

Na conjunção dos conceitos que resultam das palavras experiência, emancipação vindas de Dewey, Larrosa e Rancière, buscamos refletir sobre a práxis pedagógica propondo uma “*aulação*”. Os pilares dessa proposta são as questões por quê?, para que? e para quem?.

As observações tiradas deste procedimento da conjunção dos conceitos lançados neste artigo interferem diretamente na formação profissional do professor. O professor ao refletir sobre seu processo emancipador através da experiência com palavras e outras formas de expressão, mostra o fazer da experiência e o entendimento desta experiência construindo novos modelos de refletir e pensar o terreno da educação com diferentes práxis pedagógicas se manifestando nas tensões das relações entre os participantes envolvidos.

Existem atores centrais na relação de ensino e aprendizagem: o professor e o estudante. Tem-se aqui o professor como um profissional que é o mediador no processo de construção do conhecimento pelo estudante. Disso decorre a importância da formação profissional do professor como uma peça estratégica para a mudança nas conduções do ensino e aprendizagem, em um terreno novo cheio de desafios e tensões que refletirá em todo o processo

Através da proposta de uma *aulação* o professor pode ter contato com experiências que o façam mudar seu foco perceptivo, a partir do qual ele consiga enxergar sua ação para além de um mestre explicador. Isso significa superar a mera transmissão, mais embrutecedora que emancipadora, e assumir uma posição de abertura silenciosa onde existe espaço de troca com o outro, com o mundo e consigo. O sujeito (o professor) de corpo inteiro se deixa afetar, se permite passar pelas circunstâncias e contextos que a experiência estabelece.

6 Referências

BONDÍA, Jorge Larrosa. “**Notas sobre a experiência e o saber da experiência**”. In. **Tremores: Escritos sobre experiência**; tradução Cristina Antunes, João Wanderley Geraldi – 1 ed.; 2 reimp. – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016. pp. 15-34. (Coleção Educação: Experiência e Sentido)

DEWEY, John. “**Ter uma experiência**”. In: **Arte como experiência**; organização Jo Ann Boydston; Editora de texto Harriet Furst Simon; Introdução Abraham Kaplan; tradução Vera Ribeiro – São Paulo: Martins Fontes – selo Martins 2010 – (Coleção Todas as artes)

RANCIERE, Jacques. **O mestre ignorante – cinco lições sobre a emancipação intelectual**; tradução de Lilian do Valle – 3 ed.; 3 reimp. – Belo Horizonte Autêntica Editora, 2013.